

SOBRE SOCIOLOGIA E TEORIA DA LITERATURA: DA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO À AUTONOMIA DO CAMPO CIENTÍFICO

About Sociology and Theory of Literature: influence on the formation and the autonomy of the scientific field

Lucio Lord¹

Resumo: O presente artigo estuda as contribuições da Sociologia para a formação da Teoria da Literatura. O objetivo é identificar e compreender as principais influências que os estudos sociológicos, suas teorias e conceitos desempenharam no processo de formação da Teoria da Literatura no Brasil. Para tanto, se realizou uma pesquisa teórica com análise de bibliografias. O estudo mostra que as influências da Sociologia sobre a Teoria da Literatura acompanharam a constituição dessa ciência, direcionando a elaboração de problemas e as abordagens sobre o objeto de estudo. Contudo, atualmente esta influência se mostra reduzida em função da consolidação da Teoria da Literatura como ciência autônoma e da diminuição da capacidade da Sociologia em responder aos problemas sociais.

Palavras-chave: Sociologia. Teoria da Literatura. Ciência.

Abstract: This article examines the contributions of Sociology for the formation of the Theory of Literature. The purpose of this study is to identify and understand the main influences that the sociological studies, their theories and concepts played in the process of formation of the Theory of Literature in Brazil. This study is a theoretical research. The study shows that the influence of Sociology on Literature Theory followed the constitution of this science, directing the elaboration of problems and the approaches in the object of study. The study shows that today the influence has been reduced because of the consolidation of Theory of Literature and because of the decrease ability of Sociology to respond to social problems.

Keywords: Sociology. Theory of Literature. Science.

1 Introdução

O presente artigo trata das contribuições que a Sociologia teve para a formação da Teoria da Literatura, bem como visa identificar e compreender as principais influências que os estudos sociológicos,

suas teorias e conceitos desempenharam no processo de formação dessa ciência ao longo do século XX. O texto tem cunho teórico-analítico e, em sua redação, foram utilizados estudos da

¹ Sociólogo e Advogado, Mestre e Doutor em Ciências Sociais. É professor adjunto de Sociologia na Universidade do Estado do Mato Grosso. E-mail: luciolord@hotmail.com.

Sociologia, Filosofia, Antropologia e Teoria da Literatura.

O artigo está organizado a partir de um panorama histórico da formação da Sociologia e das influências de suas teorias sobre os estudos de literatura. Existe uma ênfase nas alterações do campo científico da Sociologia e na trajetória de seus pensadores no Ocidente, identificando momentos de contato com os estudos de literatura. Na mesma perspectiva é analisada a Sociologia no Brasil e a formação da Teoria da Literatura no país.

2 Sociologia e Teoria da Literatura: sobre trajetórias e ciência

A presença de sociólogos e cientistas sociais nos debates cujo objeto é a literatura, pode ser identificada há pelo menos um século. O início deste período condiz com a própria emergência e constituição da Sociologia e marca sua presença no campo dos estudos e na formação da Teoria da Literatura. Em parte, isso resultou de um processo amplo em função da trajetória intelectual dos primeiros pensadores, mas também se manteve pelo histórico das ciências da Sociologia e suas relações com a Teoria da Literatura.

Olhando a partir da Sociologia e da trajetória dos seus pensadores, um

exemplo inicial foi Émile Durkheim, que, na França, explorou o ensino desta ciência nos diversos cursos de verão, recebendo alunos de diferentes áreas do conhecimento e expandindo o método científico-sociológico a diferentes campos de estudo. Alunos de Engenharias, Letras, Direito e Humanidades inscreveram-se nas disciplinas de Sociologia ministradas por Durkheim (DURKHEIM, 2013). Nas disciplinas, discutiram conceitos sociológicos que ainda estavam em elaboração e buscaram analisar sociedades passadas e daquele presente. Sobretudo no estudo das sociedades passadas, ou antigas, os alunos de Durkheim utilizaram análises de textos diversos, como os relatos de viagens e as literaturas. Assim, as discussões sobre a divisão social do trabalho em sociedades passadas tomaram como parte de sua fonte de dados a literatura. Dessa maneira, mesmo não sendo inicialmente o objeto da investigação de Durkheim e de seus alunos, a literatura, os livros e outros textos produzidos como arte literária, foram exaustivamente manuseados e estudados como fonte de dados. O resultado disso foi a familiaridade que a Sociologia teve da literatura e que, posteriormente, permitiu aos demais sociólogos analisarem-na como objeto.

SOBRE SOCIOLOGIA E TEORIA DA LITERATURA: DA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO À AUTONOMIA DO CAMPO CIENTÍFICO

De modo geral, dentro das Ciências Sociais (que reúne Sociologia, Antropologia e Ciência Política) os textos literários ganharam espaço como fonte de dados que complementaram os estudos de campo. Exemplo disso foram os estudos antropológicos desenvolvidos nos Estados Unidos por Franz Boas que, no início do século XX, estenderam análises sobre sociedades do globo. Isto porque parte dos primeiros estudos da Escola de Antropologia Americana utilizou-se de relatórios de viagens, trabalhos de campo e narrativas literárias. O perfil desses estudos antropológicos e o modo próprio de escrever dessa Escola, contribuíram para que as obras publicadas sobre as sociedades do globo mantivessem um modelo denso de descrição e uma narrativa que se aproximou da literatura. Muitas vezes, estudos de Antropologia dividiram mercado de consumo com obras de literatura, tanto pela euforia dos leitores quanto pela semelhança do modo da narrativa.

As relações entre as Ciências Sociais, especialmente a Sociologia, e os estudos sobre literatura estenderam-se até a formação da Teoria da Literatura. Inicialmente, a tomada da literatura como objeto investigativo da Sociologia resultou de um processo interno desta ciência. Isto porque ainda nas primeiras

décadas do século XX a Sociologia no globo expandiu seu campo de estudo, alcançando quase todos os países e reunindo conhecimentos sobre quase todas as sociedades conhecidas. O método científico, as análises e teorias da Sociologia passaram a ser incorporadas em políticas públicas e em ideologias políticas. A Sociologia ampliou seu campo, complexificou-se, ganhou adeptos de outras ciências que buscaram doutoramento nessa. E alcançar o doutoramento exigia conhecer e incorporar métodos e teorias da Sociologia no estudo de tudo, inclusive de campos originalmente para além dessa ciência.

Esse processo resultou no encontro entre a Sociologia e a área em formação, Teoria da Literatura, então na primeira metade do século XX. Ao seu modo, a Sociologia conquistou legitimidade e poder, influenciando outros campos científicos e intimamente articulando-se com a política, inclusive com a política de expansão do ensino superior.

Ocorreram, neste mesmo contexto histórico-científico, os esforços desencadeados pelos estudos de literatura que buscaram formar a Teoria da Literatura e, para tanto, tomaram como referência outras ciências (SOUZA, 1987). Assim, os empenhos científicos para compor a Teoria da

Literatura no século XX, aproveitaram-se dos avanços de outras áreas, especialmente os da Sociologia. Ao menos em parte, esse modo de avançar cientificamente compõe o histórico das diferentes ciências, como mostram os estudos de epistemologia e de história das ciências (POPPER, 1978; KHUN, 2003). Há uma dialeticidade entre ciência e objeto.

Disto, avanços e limitações envolveram a formação da nova ciência que adquiriu o que já era consolidado noutra, e com o que precisou romper mais adiante para progredir. E isso é relevante porque a formação da Teoria da Literatura recebeu as influências da sua época científica e, a partir dessas, elaborou seus modelos teóricos, bem como suas percepções sobre seu objeto investigativo (SOUZA, 1987). Entender esse processo é parte necessária para conhecer as relações entre Sociologia e Teoria da Literatura.

A percepção do apontamento acima é fundamental na compreensão da formação da Teoria da Literatura e do papel da Sociologia nesse processo. Tomando a análise defendida por Souza (1987), a compreensão dos modelos teóricos adotados pela Teoria da Literatura e o modo como essa percebeu seu objeto, dependeu do contexto histórico-científico no qual surgiu como ciência. Ocorre que esse contexto esteve

profundamente marcado pela presença da Sociologia no globo, como mostrou Giddens (2001). Na formação da Teoria da Literatura parte das análises, métodos e teorias da Sociologia foram assimilados. Sobre parte deles cabe discorrer aqui.

O primeiro aspecto identificado pelo presente artigo é justamente aquele que marcou o surgimento da Sociologia, ou seja, a definição de seu método por Durkheim no final do século XIX. O segundo, tão importante quanto, foi a formulação do objeto de investigação da Sociologia, o “fato social”, desvinculando o social daquilo que era da natureza.

A preocupação de Durkheim e seu esforço intelectual foram no sentido de constituir a Sociologia como uma ciência, o que lhe fez romper com teorias anteriores. O método científico deveria ter bases modernas, sendo tão objetivo e científico quanto eram os das ciências naturais. Para avançar na constituição do método, Durkheim dedicou-se a estabelecer o objeto investigativo da Sociologia, ao qual deu o nome de fato social. Esta formulação ele concluiu defendendo que a sociedade produz eventos que são externos ao indivíduo e que fogem ao seu controle direto. Estes eventos, ou fatos sociais, têm poder coercitivo sobre o comportamento do

indivíduo, ao mesmo tempo em que são reproduzidos pelo próprio indivíduo e levado às gerações futuras. Assim, o objeto de estudo da Sociologia não estava dentro do indivíduo, nem mesmo se limitaria ao espaço de um objeto, e sim manteria certa autonomia entre um e outro. Mais adiante neste artigo tal aspecto será retomado para identificar uma abordagem atual da Sociologia utilizada na Teoria da Literatura (GIDDENS, 1999).

A questão é que o objetivo de Durkheim quando da formulação do conceito de fato social em 1895, na primeira publicação de *As regras do método sociológico*, na França, foi atribuir aos eventos sociais o *status* de veracidade objetiva, capaz de alcançar a materialidade investigativa tanto quanto eram os eventos biológicos estudados por outras ciências (DURKHEIM, 1995).

Em síntese, a formulação do conceito de fato social abriu novo horizonte para as demais ciências humanas, inclusive à vindoura Teoria da Literatura. O problema inicial de Durkheim era estabelecer um objeto de estudo que se diferenciasse do objeto da Biologia e da Psicologia, que apesar de ser intrínseco à pessoa, fosse algo perceptível para além dela. Ainda preocupado com a questão da ordem social, interessava para

Durkheim a função social desempenhada pelas instituições sociais. Haveria, segundo este pensador, uma coercitividade social sobre o indivíduo. Daí que o que o indivíduo pensa, o modo como age e interpreta o mundo seria resultado do social em que nasce e vive. A concepção funcionalista de Durkheim substituiu a perspectiva historicista e filosófica do século XIX. Esta concepção pesou sobre os estudos da literatura. Ao seu modo, os estudos sobre literatura também substituíram o historicismo pelo funcionalismo, dando atenção à literatura como objeto para além do sujeito e vinculada (ou controlada) pela sociedade do seu tempo.

O estudo da Literatura, influenciado pelos métodos sociológicos, viu resolvida uma questão chave para a formação da Teoria da Literatura. A ideia de “fato social” foi aplicada à Literatura, o que permitiu que ela fosse analisada como evento para além do indivíduo. A literatura como objeto investigativo não seria então uma expressão puramente individual, mas resultaria da complexa significação e função dadas pelo social. Esta análise permitiu uma alternativa em relação ao historicismo sem, contudo, atribuir ao indivíduo a capacidade criativa que os iluministas haviam dado em tempos anteriores.

Os principais aspectos do início da Sociologia mantiveram-se pelas primeiras décadas do século XX e persistem ainda hoje em algumas análises sociológicas e em ciências afins. Este é o caso da Teoria da Literatura que incorporou os pontos da sociologia durkheimiana, ressignificando-os. Isso ocorreu porque primeiro os estudos sobre literatura precisavam constituir o objeto investigativo para além dos textos literários. Quando da constituição da Teoria da Literatura, muitos eram os modelos e propostas de análise da literatura. Muitos estudos existiam, mas faltava um instrumental capaz de definir a autonomia desses em relação a outras ciências (SOUZA, 1987). Ou seja, faltava a emergência da ciência da Teoria da Literatura. Faltava um método científico. A literatura estava para a Teoria da Literatura assim como a sociedade estava para a Sociologia quando Durkheim iniciou a busca por definir o método sociológico.

Havia, no final do século XIX, muitos estudos sobre a literatura que refletiam claramente a influência das análises sociológicas e históricas daquele contexto. No século XX, os estudos sobre literatura acompanham o movimento intelectual e científico de rompimento com as matrizes de pensamento do século anterior. E na

medida desse rompimento, novas possibilidades foram criadas, novas correntes, novas análises, novas abordagens. Há, neste processo, uma clara relação entre os estudos sobre a literatura e as principais correntes de pensamento nos campos da Sociologia, Filosofia e História. Em síntese, os novos estudos sobre a literatura imprimiam o objetivo de romper com o passado. Como mostrou Souza (2007), tratava-se de abandonar análises sobre a literatura pautadas no modelo de outras áreas científicas para ousar construir métodos próprios. Iniciava-se, assim, o longo caminho conscientemente científico para construir aquilo que seria chamado de Teoria da Literatura – uma ciência autônoma no estudo da literatura.

A constituição da Teoria da Literatura foi marcada pela emergência de teorias e métodos de análise da literatura que buscavam superar aqueles até então consolidados. Um dos nomes importantes neste processo foi o de Ferdinand de Saussure. Estudos sobre a formação da Teoria da Literatura fazem referência a ele como sendo o primeiro sucesso na constituição de um campo próprio dessa ciência (Souza, 2007). A trajetória desse pensador exprime o contexto dos estudos sobre literatura do período.

Saussure teve grande influência do pensamento historicista em suas análises, contudo, nos seus últimos cursos sobre linguística, as análises que propôs deslocaram-se da atenção ao contexto de geração da literatura para seus significados. Essas análises foram publicadas em 1916, após sua morte, como compilação das anotações de aula dos cursos lecionados entre 1907 e 1910 (SAUSSURE, 1972).

O trânsito de Saussure pela Europa, especialmente na Alemanha, o colocou em contato com uma teoria social reflexiva, em expansão no período. Não foi uma análise isolada proposta por Saussure, mas sim uma contribuição desse pensador para um campo em constituição e que na Sociologia tinha nomes expressivos, como Max Weber.

Para Weber, o centro da sociedade era a ação. E esta dependia da existência de um sujeito que refletia suas ações no contexto. “Interação social” é o conceito mais expressivo desta produção, sobretudo porque entende que o indivíduo é sujeito no processo de constituição da sociedade. Em síntese, a ideia é a de que a sociedade constitui-se de interações sociais e estas se dão pelas ações dos sujeitos.

Há, na concepção weberiana, a intenção do sujeito que, diferente de ser determinado pela sociedade como no

funcionalismo durkheimiano, tem poder para dirigir suas ações, estabelecendo sentido nelas e nas ações dos outros. Este aspecto é significativo às análises em Saussure.

Como observou Costa (2008), Saussure transitou entre a compreensão de uma estrutura que controlava o indivíduo e um campo possível de ação por parte deste. Assim, o pensador definiu a língua como construção social e o seu exercício através da fala como ação do indivíduo. E apesar do indivíduo não ter capacidade de construir a língua e um conjunto de signos na linguagem sozinho, ambas dependem dele para manterem-se – tanto falada como no grau mais sistematizado que é a escrita. E o conjunto das ações dos indivíduos pode alterar a língua. De um modo ou de outro, a questão-chave é que a ação do indivíduo e seu papel ganham destaque na análise, algo que não ocorria nas concepções historicistas do século XIX e até então vigentes nos estudos da literatura. Neste ponto, observa-se a transição do pensador entre uma e outra teoria social mais expressiva durante o período de sua produção.

Nestes termos, em que pese a multiplicidade vivida nos campos da ciência europeia durante a virada para o século XX e que influenciaram na produção de Saussure, fato é que há uma atmosfera em que possibilidades são

experienciadas no campo do conhecimento sobre as diversas formas de produção da e pela sociedade. Há, no campo das Ciências Sociais, especialmente da Sociologia, um estágio de desenvolvimento científico que mostrava prosperidade e capacidade em responder os problemas. De fato, a Sociologia havia produzido uma teoria social, constituindo-se em ciência autônoma em relação aos demais campos do conhecimento. E essa experiência Saussure e outros viveram nos círculos da academia europeia. Daí que, para Saussure, o desafio estabelecido no campo dos estudos sobre as línguas era a formação de uma ciência própria, com teorias e métodos.

Saussure foi interpretado como estruturalista, mesmo que outras teorias tenham influenciado seus maiores anos de produção. Diante da diversidade de línguas no tempo e no espaço, concluiu o pensador por uma teoria capaz de abraçá-las. Mas ele mesmo somente foi percebido como teórico da Teoria da Literatura quando esta já estava consolidada como ciência. Este fato ocorreu porque sua teoria respondeu a certas expectativas e problemas dos estudos sobre literatura nas décadas seguintes. Também ocorreu, sobretudo, pelo fato de que a teoria estruturalista difundiu-se e tornou-se dominante no

campo dos estudos sociais europeus, tendo seu auge em torno da metade do século XX.

Ao menos em parte, o estruturalismo nasceu do duplo esforço de romper com as análises do passado e produzir uma teoria ampla, capaz de grande aplicação. Tanto nos estudos sobre a língua, como naqueles sobre a cultura, a constatação era clara de que conhecer as múltiplas diversidades para elaborar uma generalização seria difícil ou quase inviável em termos empíricos. Sendo assim, os estudos seriam mais viáveis quando, a partir da relação com uma teoria geral, o específico fosse interpretado. A aventura investigativa no estruturalismo, para brincar com o termo antropológico, era localizar aspectos que se fizessem presentes em todos os objetos ou casos analisados e que pudessem ser interpretados a partir de um sistema ou estrutura mais ampla (LIMA, 1973).

O estruturalismo somente perdeu espaço para outras teorias após a década de 1960, quando já constituída a Teoria da Literatura. A formação dessa ciência fez com que os estudos sob ela reunidos não dependessem mais de uma teoria principal. Na medida em que uma ciência própria havia se constituído, seu campo abriu espaço para novas propostas de análise. Destarte, a partir da

década de 1970, uma diversidade de pensadores, teorias e problemas compuseram a Teoria da Literatura.

3 Sociologia e Teoria da Literatura no Brasil

As interrelações entre Sociologia e Teoria da Literatura também marcaram o campo de estudos sobre literatura no Brasil. Do início do século XX à década de 1960, existiram esforços para compor uma teoria ampla que agregasse as múltiplas análises dispersas como estudos de literatura. Se tratava de resolver o mesmo problema vivido pela área dos estudos em literatura na Europa. Durante esse período, a Sociologia no Brasil teve grande influência nas abordagens, manuseios e interpretações dos estudos. Isso ocorreu sobretudo porque antes de formada a Teoria da Literatura no Brasil, estudos de Ciências Sociais, em Sociologia e Antropologia, tomaram a literatura como objeto de análise ou fonte de dados e disputaram com seus modelos explicativos o campo dos estudos de literatura.

Apesar de não ser o primeiro caso, os estudos de Gilberto Freyre marcaram, no Brasil, a presença da Sociologia e Antropologia entre as perspectivas que buscavam explicar a sociedade. Freyre fez seu estudo mais conhecido, *Casa-*

grande e senzala, nos Estados Unidos, sob orientação de Franz Boas, a partir de 1931. Desse modo, suas análises receberam profunda influência da Escola Americana de Antropologia que, naquele momento, conquistava autonomia em relação à Sociologia, mas que ainda utilizava-se de pressupostos sociológicos.

Assim como afirma Cardoso (2003), Freyre foi antropólogo-sociólogo-historiador e essas ciências compuseram a obra *Casa-grande e senzala*. Apesar da obra ter por trás grande e profundo estudo etnográfico, o autor não somente utilizou-se de obras literárias, estudando-as, como também produziu um clássico que transita há quase um século entre ciência e literatura, tendo mais de 50 reedições, contando somente entre as de língua portuguesa.

As características de *Casa-grande e senzala* fizeram dela a obra mais lida no mundo sobre o Brasil, ao menos como resultado de estudo antropológico-sociológico. Logo, Freyre estava correto quando escreveu, no prefácio da primeira edição de sua obra em português, no ano de 1934, que com Boas sentiu que tudo estava por fazer na interpretação da sociedade brasileira. E, de fato, ele fez a obra mais lida até hoje no mundo sobre a sociedade brasileira. E a fez sem muito rigor de método, como afirma Cardoso

(2003). Entretanto, deixou uma ponte fundamental entre os estudos das Ciências Sociais e a Literatura Brasileira que, somente meio século depois, seria questionada pela Sociologia e Antropologia na tentativa de definir ao público consumidor que não se tratava de uma literária e sim de um estudo científico.

Analisar a literatura e produzir uma teoria sobre ela não era o objetivo de *Casa-grande e senzala*. Contudo, a literatura teve peso em dois aspectos da obra de Freyre. O primeiro, foi servir de fonte de dados e, o segundo, foi ofertar um modelo narrativo. O texto como arte foi reproduzido por Freyre num trabalho cujo grande desafio era uma análise científica sobre a sociedade brasileira.

Há, na trajetória de Gilberto Freyre, o constante contato com a literatura. Desde sua formação acadêmica, sua pós-graduação nos Estados Unidos, sua experiência na Europa e seu retorno ao Brasil, o espaço cultural pelo qual transitou foi marcado pela literatura, pelos estudos sociais e históricos. Conheceu a Alemanha, de Max Weber, e a França após Durkheim. Experimentou ainda a academia norte-americana, entre a Sociologia, Antropologia e Letras (FREYRE, 2003).

A estadia na Europa, permitiu a Freyre conviver com os artistas brasileiros que

produziram na semana de arte moderna. Dessa maneira, o tema da sociedade brasileira, suas origens e cultura ganharam novo espaço na atenção de Freyre. Por fim, *Casa-grande e senzala* foi concluída no início da década de 1930, resultando de longos estudos e experiências. A obra tem perfil de ensaio, cuidado estético e uma narrativa um tanto romantizada (CARDOSO, 2003). A referida obra não somente tem inspiração na literatura do seu tempo, que foi lida e referenciada por Freyre de modo aberto e transparente no prefácio da edição de 1934, como também serviu de referência à escrita literária brasileira subsequente.

As décadas posteriores de *Casa-grande e senzala* foram marcadas pela expansão dos estudos sociológicos e antropológicos no Brasil. Claude Lévi-Strauss marcou presença na expansão dos estudos das Ciências Sociais no Brasil e da teoria estruturalista. Estudou Direito e Filosofia na França de 1930 e doutorou-se com os estudos sobre os indígenas do Brasil. Lévi-Strauss veio ao Brasil junto com outros pesquisadores na missão francesa de 1930 para formação da Sociologia, na Universidade de São Paulo (USP). Veio, segundo ele, porque ali existiam indígenas nos arredores e assim poderia praticar etnografia (PEIXOTO, 1998).

A formação em Sociologia e em Antropologia na USP eram dadas em francês, alemão, inglês e quase nunca em português. Então, o funcionalismo de Durkheim ingressou na formação dos primeiros sociólogos da USP. E na Antropologia, o funcionalismo foi ensinado a partir dos estudos de Malinowski. Foi nesse cenário de intensa influência francesa sobre os estudos do Brasil que ingressou Antônio Cândido, atuando como discípulo de Fernando de Azevedo na disciplina de Sociologia.

A trajetória de Antônio Cândido entre os campos da Sociologia, Antropologia e estudos de literatura, iniciou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Sua tese de doutorado em Ciências Sociais, intitulada *Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, teve origem no seu interesse em estudar as relações entre a literatura e a sociedade (CÂNDIDO, 2010). No texto, o autor faz referência à obra de Gilberto Freyre, *Casa-grande e senzala*, referindo-se, especialmente, ao método de estudo antropológico, à etnografia, como fonte de seus dados.

No caso de Cândido, pesa o contexto da Sociologia, das Ciências Sociais, na academia brasileira. Isso porque, enquanto Freyre fez seu doutoramento em Columbia, com Franz Boas, e marcou

o início dessas ciências no Brasil, Cândido estava no meio acadêmico já constituído no país e defendeu sua tese na USP, num momento de reforma universitária e criação da pós-graduação *stricto sensu* no país. De fato, Cândido atuava na academia e desenvolvia atividades de ensino nos cursos de Ciências Sociais, Filosofia e Letras, estabelecendo diálogos constantes com docentes e conhecendo teóricos das outras ciências. Prova do seu envolvimento com as questões de literatura foi justamente tê-la relacionado com a sociedade em sua pesquisa de doutorado (CÂNDIDO, 2010).

O contexto da inserção de Cândido na academia brasileira encontrou a Sociologia e a Antropologia como ciências constitutivas das Ciências Sociais, vinculadas à Faculdade de Filosofia e Letras na USP. Esse contato entre as ciências foi a característica da Sociologia no Brasil desde o primeiro curso criado na década de 1930, na USP. Assim, no caso do Brasil, a Sociologia ingressou como formação universitária já estreitamente vinculada ao espaço das pesquisas e discussões do curso de Letras. Daí para que a literatura se tornasse parte do campo investigativo da Sociologia foi um passo.

Todavia, as contribuições da Sociologia brasileira para os estudos de literatura dependeram menos do histórico inicial dessa área, do que dos desdobramentos posteriores que envolveram o objeto de investigação e o pesquisador. A aventura sociológica vivida no Brasil na segunda metade do século XX, extrapolou os limites custosamente colocados entre as ciências. Antônio Cândido, sem dúvida, teve grande responsabilidade pela dimensão que as análises sociológicas assumiram nos estudos de teoria da literatura. Defendia Cândido que era possível analisar a sociedade a partir do estudo da sua produção literária. Dessa maneira, a literatura foi tomada como objeto cultural, carregando consigo informações para além do controle do seu autor ou da interpretação do seu leitor (GIDDENS, 1999).

Cabe neste ponto um pequeno comentário que mais sucesso tem no meio do texto, motivo pelo qual não está em nota de rodapé. A questão é que, Antônio Cândido, assim como Gilberto Freyre e tantos outros nomes das Ciências Sociais brasileira, transitaram entre os estudos de Sociologia e Antropologia. Observa-se isso na trajetória deles. E, no caso de Cândido, houve um deslocamento da Antropologia para a Sociologia e, depois, uma dedicação pessoal em contribuir e

desenvolver os estudos sobre literatura. Em síntese, ao menos parte das influências e trocas entre essas áreas resultam do caminho trilhado pelos intelectuais. Há, especialmente marcando a segunda metade do século XX, um campo de estudos em formação no qual a Sociologia e a Antropologia se encontram com a Literatura e compuseram a Teoria da Literatura no Brasil.

A Sociologia e a Antropologia constituem, dentro das Ciências Sociais, campos muito fortes em metodologia de pesquisa e teorias sociais. O peso dessas recai sobre todas as demais áreas das ciências humanas e sociais aplicadas, desde a Educação até a Administração. Em face disso, as principais contribuições delas para os estudos de literatura foram no sentido de oferecer instrumentos de análises e teorias que permitiram a emergência e ampliação da Teoria da Literatura.

4 A Teoria da Literatura após a Sociologia

Na atualidade, é difícil encontrar uma fronteira clara entre as ciências da Teoria da Literatura e da Sociologia, estratificando instrumentos de análise e teorias, se a referência é a clássica definição de ciência. De fato, a definição

de ciência fica comprometida quando a questão é o campo dos estudos literários. Isso porque o conceito de ciência moderna exige instrumentos próprios de análise e também uma linguagem científica própria. Ou seja, para que uma área se constitua como um campo científico autônomo, ela precisa desenvolver seus próprios métodos de investigação, assim como precisa produzir seus próprios conceitos, mas, no caso da Teoria da Literatura, ocorre uma troca intensa entre outras ciências que compõem o arcabouço teórico e metodológico da área. Em termos analíticos, na Teoria da Literatura parece estar em curso um processo ainda de constituição da ciência – se a questão é analisar o conceito de ciência.

Uma outra análise é possível quando o conceito de ciência é relativizado e percebido a partir da ideia de interdisciplinaridade ou complexidade de objeto de estudo. Ou seja, se o conceito de ciência for percebido como um processo exercido em prol do melhor modelo explicativo, ou como o exercício de compreender o objeto em seus diversos ângulos de visibilidade, então se torna latente a necessidade de que uma área da ciência não se isole, mas que busque instrumental em outras áreas do conhecimento e que estabeleça trocas. Nesse caso, a ciência não é um campo

cristalizado como critica Karl Popper (1978), mas sim um esforço conjunto de produção, apropriação e democratização do saber como propõe Boaventura de Sousa Santos (1988).

A questão atual é saber para onde vai a Teoria da Literatura. As influências da Sociologia ainda persistem em parte dos estudos atuais sobre literatura. Um exemplo são os estudos culturais revisitados desde final da década de 1990 por Stuart Hall (2005 e 2003) e a ideia de reconhecimento de sociólogos como Axel Honneth (2003). Mas essa influência é menor que em décadas anteriores, sobretudo se comparada às décadas entre 1950 e 1970. E três fatores se destacam para a diminuição dessa influência. Uma é a consolidação da ciência Teoria da Literatura, como já tratada anteriormente, outra é a diminuição da relevância da própria Sociologia entre as demais ciências que resultou da sua limitação no final do século XX em responder problemas sociais. Neste sentido, como mostrou Giddens (2001), houve uma redução dos cursos e disciplinas de Sociologia nas universidades dos Estados Unidos e Europa, assim como uma presença cada vez menor nos espaços de elaboração de políticas estatais. O terceiro fator é a expansão de novos campos científicos sobre os estudos da sociedade,

alcançando espaço dentro da Teoria da Literatura, como é o caso da Filosofia do Direito, que na última década tem guiado estudos sobre literatura.

5 Conclusões

O surgimento da Teoria da Literatura esteve intrinsecamente ligado aos avanços da Sociologia como ciência. Desde a definição do objeto como resultado social, até teorias analíticas e abordagens de problemas, as construções da Sociologia beneficiaram a constituição da ciência chamada de Teoria da Literatura. Houve, como mostrado no artigo, uma presença

constante das teorias sociológicas nos demais campos científicos, presença essa que se reduziu no caso da Teoria da Literatura quando a nova área do conhecimento já estava consolidada.

Esse contato da Sociologia com a Teoria da Literatura ocorreu em função da amplitude da primeira no século XX, bem como pela trajetória de seus principais teóricos pelo campo de estudos sobre literatura em formação no período. Dentre suas principais influências sobre a formação e desenvolvimento da Teoria da Literatura, o artigo identificou a definição do objeto e os modos de abordá-lo.

Referências:

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

_____. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARDOSO, Fernando Henrique. Um livro perene (apresentação da obra). In: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

**SOBRE SOCIOLOGIA E TEORIA DA LITERATURA:
DA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO À AUTONOMIA DO CAMPO CIENTÍFICO**

GIDDENS, Anthony. Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção da cultura. In: GIDDENS, Anthony; TUNNER, Jonathan (org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

GIDDENS, Anthony. **Em defesa da Sociologia**. São Paulo: Unesp, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. **Identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2005.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LIMA, Luiz Costa. **Estruturalismo e Teoria da Literatura**. Petrópolis: Vozes, 1973.

PEIXOTO, Fernanda. Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo. **Revista MANA de Antropologia**, v. 4, n. 1, 1998, p. 79-107.

POPPER, Karl. **A lógica das Ciências Sociais**. Brasília: Editora da UnB, 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, v. 2, n. 2, 1988, p. 46-71.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Formação da Teoria da Literatura**. Niterói: EdUFF, 1987.

_____. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 2007.